

## **A Identidade do Brasil e do brasileiro**

*Por:*

Gérson Pereira Filho, PUC-Minas *campus* Poços de Caldas

**Gestão e Conhecimento, v. 2, n. 2, art. 1, março/junho 2006**

<http://www.pucpcaldas.br/graduacao/administracao/gestaoeconhecimento.htm>

---

## **RESUMO**

O artigo reflete sobre o debate em torno da questão da identidade cultural e nacional, para daí, se pensar a formação da identidade do Brasil e do brasileiro em contraste com a constatação de sua diversidade e multiplicidade sócio-cultural

Palavras-chaves: Identidade cultural: Identidade nacional: cultura brasileira

## **ABSTRACT**

The article reflects about the debate or the question of the national and cultural identity, from them on to think t about the formation of Brazil and of the Brazilian people identity formation, in contrast with the verification of then diversity and socio-cultural multiplicity.

Keywords: cultural identity - national identity - culture Brazilian

## **Introdução**

A teoria social tem, nas últimas décadas, re-discutido a questão da Identidade. Um dos autores que tem abordado essa questão é Hall, por exemplo, em seu livro a Identidade Cultural na pós-modernidade Para esse pensador, há uma crise das estruturas tradicionais das velhas identidades tanto no sujeito quanto na coletividade (sociedades, culturas, grupos sociais, nações...)

A época atual estaria marcada pela fragmentação, descentração e deslocamento das identidades. Estaria havendo uma mudança estrutural que rompe com a idéia de uma "identidade" pessoal, social ou cultural, pela fragmentação dos sujeitos e culturas e pela superação dos conceitos de nacionalidade, raça, classe, gênero, sexualidade (HALL, 1998, p.7/9).

**A Identidade do Brasil e do brasileiro**  
**Gérson Pereira Filho**

Para HALL, o mundo moderno/pós-moderno tem sido marcado por três concepções diferentes de identidade:

- Conceção iluminista: aquela centrada no indivíduo. A idéia de uma pessoa humana (indivíduo), detentora de uma identidade contínua Haveria um "eu" central/interior idêntico e individual, que permaneceria ao longo da existência e que, apesar das mudanças, não se modificaria no essencial: seria progressivo, porém permanente.
- Conceção sociológica: aquela centrada na relação sujeito/cultura. A idéia, na sociologia clássica, de um sujeito não totalmente autônomo, mas determinado pela relação sócio-cultural, através dos valores, sentidos e símbolos culturais adquiridos. A identidade seria formada na "interação" entre o "eu" e a sociedade.
- Conceção pós-moderna aquela centrada na mudança e fragmentação do indivíduo e da sociedade A Idéia da ausência de uma identidade fixa. O sujeito e as sociedades manifestam múltiplas identidades: a unidade estaria fragmentada, não havendo uma identidade fixa, móvel, permanente. Os conceitos de subjetividade e de multiplicidade teriam superado o conceito de identidade.

Desse modo, a concepção pós-moderna de identidade recusaria, portanto, a idéia de uma unidade identitária do sujeito ou da sociedade. Isto seria decorrente, sobretudo, de fatores como a crise dos princípios, tradições e projetos da "modernidade" e dos valores modernos, fundamentados na razão, no progresso contínuo, nos modelos ideais de cultura, sociedade e sujeito; da tendência á superação dos conceitos e modelos tradicionais de se conceber raça, classe social, diferenças de gênero, religiosidade e nação em nome da política da diferença; da globalização que tende à homogeneização cultural e onde, no próprio conflito entre a resistência das "identidades nacionais" frente à hegemonia globalizante, ocorre a formação de "identidades híbridas", decorrentes da inter-conecção entre povos, grupos sociais e sujeitos/indivíduos. Nessa linha de pensamento, Hall conclui que,

**A Identidade do Brasil e do brasileiro**  
**Gérson Pereira Filho**

"A **identidade** toma-se uma '**celebração móvel**': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. **É definida historicamente, e não biologicamente.** O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. *A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.*" (HALL, 1998,p 13)

## **2- A Questão da Identidade Cultural Pós-Moderna**

Reflexões como essa nos obrigam a re-pensar as concepções tradicionais a respeito da identidade histórica e cultural dos povos e nações. Sobretudo se somarmos a essa questão, outra, ou seja, o debate em torno de raça e etnia. Dentre tantos autores, nos mais variados campos que tem abordado esse tema, cabe ressaltar o trabalho do biogeneticista Luigi Luca Cavalli-Sforza, que propõe uma linha de pesquisa e análise aproximando a biologia e a genética, da antropologia, da história, da arqueologia e da lingüística.

O autor oferece novas e pertinentes abordagens em torno das clássicas teorias sobre raça, etnia e cultura, tendo como ponto de partida a antiga pergunta, que ganhou corpo no campo das ciências humanas desde fins do século XIX e que, de forma veemente ocupou os debates da primeira metade do século XX, ou seja, "o que é uma raça?" (CAVVALI-SFORZA, 2003, P.44).

A clássica definição de que raça seria "um grupo de pessoas que reúne características biológicas semelhantes entre si e que assim se distingue de outros grupos de pessoas com outras características biológicas diferentes" (Id. Lb. P. 44), é uma idéia que traz complicadores, sobretudo diante dos estudos recentes na genética e na antropologia, dentre outras áreas.

Ao seguir essa definição, teríamos de constatar a existência não de algumas raças apenas, mas de milhões de raças diferentes. Isso porque, em particular decorrente das

**A Identidade do Brasil e do brasileiro**  
**Gérson Pereira Filho**

descobertas do "projeto genoma", realizadas em várias instituições mundiais, poderíamos admitir que existem tantas diferenças genéticas entre um indivíduo e outro (tidos tradicionalmente como de uma mesma raça), assim como entre indivíduos tidos como de "raças diferentes". Como exemplo, poderíamos dizer que haveria tantas diferenças entre um italiano e outro Italiano, como entre um italiano e um chinês.

Nesse sentido, ou abolimos definitivamente o conceito de raça (e conseqüentemente o de racismo), ou teríamos que praticamente admitir uma "raça" para cada seqüência genética, ou seja, uma raça para cada indivíduo ou, ao menos, para um grupo muito pequeno de indivíduos, o que seria impraticável.

Não existiria, do ponto de vista genético, uma "raça pura" os componentes biológicos hereditários seriam decorrentes de adaptações físico-geográficas adquiridas ao longo do processo de formação histórica da humanidade e das adequações e invenções culturais decorrentes dessa adaptação.

No entanto, as ciências humanas e sociais muitas vezes se equivocam, ao simplificar a questão, apenas substituindo o conceito de "raça" pelo conceito de "etnia". Entendendo que o conceito "raça" estaria mais relacionado à "identidade biológica" e que o conceito "etnia" estaria mais relacionado à "identidade sócio-cultural", muitas vezes tem se pensado que, dessa forma, estariam abolidos o racismo e o preconceito, abrindo-se o caminho para o reconhecimento da diversidade e da alteridade, pois, passando a entender que as diferenças sócio-culturais e históricas entre os povos seriam decorrentes não das diferenças raciais e biológicas (como quis a elite conservadora, "branca", ocidental e cujas conseqüências se estendem do escravismo colonial ao arianismo hitleriano), se tem procurado, tanto no campo das pesquisas teóricas quanto das ações, se encontrar a compreensão das diferenças étnicas, reconhecendo sua "identidade cultural" que seria construída por uma consistente unidade histórica ao longo da trajetória de um povo ou grupo social. Noutras palavras ao se recusar a idéia de "raça pura" (e sem qualquer sombra de dúvida deve ser recusada), muitas vezes se tem pensado numa história étnica que define uma "cultura pura" ou uma "identidade cultural" pura e unitária.

Assim, podemos nos perguntar se há, de fato, essa identidade cultural, a partir de uma identidade ou unidade étnica, sobretudo se percebida no contexto das relações

**A Identidade do Brasil e do brasileiro**  
**Gérson Pereira Filho**

contemporâneas, mas, também, decorrente do próprio processo de formação histórica dos povos. Não seria o caso, talvez, ao invés de procurarmos localizar essa "identidade", tentarmos perceber mais frontalmente, que as várias culturas e sociedades se formaram ao longo da história humana, pela integração, inclusão, exclusão, sobreposição, interposição, mistura ou hibridismo cultural. Quem sabe possamos compreender e, conseqüentemente respeitar melhor a diversidade das manifestações, expressões, heranças e mudanças nos vários segmentos e nas várias sociedades/nações se constataremos as várias identidades ou mesmo a ausência dessas identidades, diante da subjetividade dialética e conflituosa da história

Desse modo, se recusamos o conceito do "arianismo", devemos também recusar a ideologia do "brasilianismo", do "africanismo", do "nordestino" ou "sulino", do "popular", do "erudito", do "rural" ou "urbano". As "identidades" se confundem e se conflitam. Se pensarmos menos na "afirmação" da identidade e mais na percepção da "diversidade", da "multiplicidade" e da "inter-conectividade" (espontânea ou não), quem sabe possamos aceitar melhor o multi-culturalismo do brasileiro ou de qualquer outra sociedade ou grupo social, afastando-nos da preocupação em buscar o unitarismo étnico-cultural. Como já se tem dito, somos todos *igualmente diferentes* ou ainda, conforme o lema atual do *politicamente correto*, aprender a conviver com a *igualdade na diversidade*.

### **3- A Identidade do Brasil e do brasileiro**

Resguardadas todas as contribuições essenciais à construção da pesquisa e do pensamento antropológico, historiográfico e sociológico no Brasil, as principais obras e autores de referência, ao se pensar em quem são o Brasil e o brasileiro, acabam, de certa maneira, por nos apresentá-los afirmativamente, a partir de seu caráter "identitário", ainda que por uma identidade construída por meio da diferença, do ecletismo, da miscigenação, da dominação. No entanto, embora podendo surpreender pela força da expressão, é possível se encontrar essa identidade nacional do brasileiro?

Poderíamos tentar responder a isso iniciando por apontar aquilo de mais visível e

**A Identidade do Brasil e do brasileiro**  
**Gérson Pereira Filho**

básico na constatação da diversidade que predomina sobre os fatores de identidade e unidade. Pensemos, como tanto se fala, na dimensão e diversidade geográfica e territorial do Brasil, nada apresentando de semelhante entre suas regiões e macro-ambiente; na multiplicidade de costumes, culinárias, ofícios e trabalhos, vestuários e sotaques, na diversidade de valores, idéias, práticas, ritos, religiões, manifestações, tradições, inovações, expressões, sentimentos, que podemos verificar nas ruas, praças, casas, famílias, trabalhos, igrejas, empresas, entidades e associações, localidades, estados e regiões, conforme muito bem nos demonstra DA MATA em *O que faz o brasil, Brasil?* (DA MATA, 1997).

No entanto, o que nos faz ser reconhecidos como "brasileiros", especialmente quando somos vistos pelo olhar de fora, pelo olhar estrangeiro? Como grupos de brasileiros das mais diferentes regiões, costumes e crenças se reúnem, se unificam, se identificam e são reconhecidos como tal, ou seja, como "brasileiros"?

Podemos, evidentemente, apontar os fatores de unidade, como a língua falada e escrita que, apesar dos sotaques e usos regionais, apresenta relativa unidade; algumas comidas que já se tomaram nacionais; determinados "gostos" nacionais e certos comportamentos; algumas festas e manifestações; alguns sentimentos e expressões, que nos moldam de acordo com um "jeito" de ser brasileiro.

Para HALL, a "identidade nacional" não passa de uma "comunidade imaginada", porém, não real. A construção de padrões unificadores de uma nação construiu também a idéia de uma "unidade cultural nacional", porém, essa idéia é uma "representação simbólica", não existe, de fato. O sentido de "culturas nacionais" e mesmo o sentido de "nação" é imaginário (HALL: 1998, p 48/49)

Esse sentido, a "identidade nacional", de acordo com HALL, seria mantida ideologicamente, de várias formas: através do discurso e da narrativa sobre a nação, encontrada nas obras literárias, historiográficas e mesmo nas narrativas populares na ênfase às "origens" como merecedoras de permanência intemporal, no mito da imutabilidade: na invenção de "tradições", na maioria das vezes como valores, normas e instituições impostas em certo momento, para atender aos próprios mecanismos de dominação, no "mito fundacional", que pretende reconstituir ou ao menos se orientar a partir de uma suposta "fundação" histórica, na verdade não tão facilmente encontrada; no "mito do povo puro", ou

**A Identidade do Brasil e do brasileiro**  
**Gérson Pereira Filho**

na crença ingênua de que existiria uma “cultura pura”, de origem popular, espontânea, autêntica, que se diferencia radicalmente de uma cultura oficial, originada nos centros de poder e dominação.

No caso da busca da Identidade do Brasil e do brasileiro, esses fatores aparecem de maneira bastante marcante. Pensar a formação histórica e cultural brasileira é ir de encontro a pelo menos três aspectos centrais: o território, o povo, o Estado. E em todos esses três casos, ocorre enorme complexidade quanto à identificação de seus elementos formadores.

Muito se especula sobre a “descoberta” e ocupação territorial do Brasil. Já em mapas medievais ou de inícios da modernidade, aparecem suposições dos territórios para além do “Mar Tenebroso” (como o Atlântico era chamado) e alguns traçados cartográficos chegam a falar numa “Terra Brasilis”. Hoje, com base na arqueologia fala-se da ocupação territorial do país em tempos remotos, talvez se aproximando dos cinquenta mil anos. Hipóteses também são levantadas sobre a possível “descoberta” espanhola do território, antecedendo a “descoberta” portuguesa e, sobre a casualidade ou não da descoberta cabralina. Sobre essa polêmica, encontramos reflexões em *“Náufragos, traficantes e degredados”*, de Eduardo Bueno (BUENO, 1998)

Sabemos que desde o Tratado de Tordesilhas (1494) e Tratado de Madrid (1750), a definição da unidade territorial do Brasil é polemizada, definida e redefinida. Ainda em princípios do século XX, o Brasil não tinha uma identidade territorial clara, evidenciada com a “Questão do Acre” e um século antes ainda se vivia a “Questão Cisplatina”. Essa situação se agrava mais ainda se pensarmos nas várias rebeliões separatistas ao longo da história brasileira, cujo exemplo mais comum é a “farroupilha” (1835/1845), e cuja questão de fundo ainda não está de todo solucionada, ainda adormecida em diferentes propósitos que defendem a autonomia das várias regiões ao longo do país.

Queremos com isso demonstrar que até mesmo do ponto de vista de uma unidade/identidade territorial nacional, a situação não foi tão simplesmente resolvida. Sobretudo, se pensarmos ainda nas disputas coloniais pela posse da terra (franceses, portugueses holandeses, espanhóis) e nas várias formas de imperialismos contemporâneos que se sobrepõem à soberania territorial nacional (Amazônia, Pantanal, entre outros casos).

A dificuldade para a afirmação da identidade nacional agrava-se sobremaneira



**A Identidade do Brasil e do brasileiro**  
**Gérson Pereira Filho**

quando pensamos a complexidade na formação e consolidação do Estado Nacional no Brasil, vivido tardiamente e em diferentes etapas e contextos e talvez, ainda por se definir diante das complicadas relações no cenário de poder internacional.

Chegamos, enfim, ao cerne da questão, ao indagarmos, pois, e o povo brasileiro, quem é? Dentre tantas obras de relevância incomparável que, de certo modo, procuram responder a isto, temos Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Darcy Ribeiro, para limitar os exemplos a apenas alguns dos mais clássicos estudiosos desse tema. Dessas leituras, podemos extrair uma conclusão: os brasileiros são tantos, tão variados e diversificados, tão múltiplos em suas origens e trajetórias que talvez nunca venhamos saber de fato, quem ele é.

Sabemos, entretanto, que esses "brasileiros" vêm se formando há 50/40 mil anos, conforme revelam os indícios pré-históricos ou, ao menos, com mais certeza, desde 11/12 mil anos, de acordo com os fósseis de Lagoa Santa (MG) e talvez com vários outros grupos que povoaram essa terra. Prosseguem sua trajetória, os brasileiros, com o "índio", identificado de forma genérica e unitária, mas, sabemos, se compõe com as dezenas de tribos e grupos com tão grande diversidade entre si, que a expressão "índio" para designá-los chega a ser ofensiva. Igual diversidade é encontrada também, na formação da matriz negra e africana, de diferentes raízes. Os portugueses também não eram únicos, uma vez que originários dos diversos povos formadores da Europa ibérica, acrescidos da presença moura e judaica. Somemos ainda os espanhóis nas fronteiras, as heranças holandesa e francesa e, ao longo das décadas, a chegada dos imigrantes das mais variadas origens, talvez não havendo outra mistura tão grande em todo o planeta.

É possível que possamos falar em alguns fatores de unidade que se construíram ao longo da história e que nos aproximam enquanto brasileiros. Porém pensemos ainda, além da diversidade na formação étnica, nas diferenças por fatores como as religiões, os gêneros, as faixas etárias, as classes sociais.

Melhor então do que falarmos e nos preocuparmos com a afirmação e a preservação de uma identidade nacional, que talvez seja parte do discurso ideológico das elites e do colonizador para justificar a dominação em nome de uma suposta unidade silenciosa, é pensarmos na multiplicidade e diversidade do Brasil e dos brasileiros, exatamente aquilo

**A Identidade do Brasil e do brasileiro**  
**Gérson Pereira Filho**

que faz nosso povo e nação.

**Referências bibliográficas:**

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000

BUENO, Eduardo. **Náufragos, Traficantes e Degredados**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1998.

CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. **Genes, Povos e Línguas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003

DA MATA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro, Rocco, 1997

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1997.

FREYRE, Gilberto, **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2vols, 1954

FUNARI e NOELLI. **Pré-história do Brasil**. São Paulo, Contexto, 2002

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1998

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**, São Paulo

**A Identidade do Brasil e do brasileiro**  
**Gérson Pereira Filho**

Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **Os Brasileiros: Teoria do Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1978.